

**O**  
**Criador**  
**de**  
**Borboletas**

**Isaque Cipriano**



## **Agradecimentos**

A Deus, supremo criador, arquiteto e maestro da natureza, que nos presenteou com a beleza das borboletas.

Aos meus pais, Sueli e Antonio pelo apoio sempre.

À minha irmã Jéssica, pela ajuda na revisão e apoio.

À minha esposa Vanderleia.

Aos meus filhos Alice e Mateus, que amam as borboletas e foram o motivo do começo de nossa história com os insetos alados.

Ao amigo Pierck por incentivar na criação da história e ler a versão inicial.



## Prólogo

Se você olhasse aquele dia, ele pareceria com uma típica manhã de verão. Amanheceu e o sol raiava forte no céu azul, exibindo todo seu colorido e iluminando as almas de todos aqueles que, como eu, habitavam em cubículos de tijolo recobertos com cimento. Era um dia quente. A previsão insistia, desde as primeiras horas, em citar que o calor seria constante e que proteção se tornava necessária contra raios ultravioletas.

Para aqueles que amanhecessem bem, olhariam a beleza de um céu tão azul que chegava a brilhar. Talvez, entusiasmados com o canto longínquo de pássaros, corressem e visualizariam belezas ímpar em espaços abertos circundados de flores, protegidas da destruição.

Mas não eu.

Aquele era mais um dia. Mais um péssimo dia.

Acordei como todos os dias. Meu alarme tocando. Em modo automático, levantei e troquei de roupas. Fui até a cozinha, onde preparei um café forte. Enquanto ficava pronto, peguei um pão da noite anterior, cortei e passei uma margarina que ainda restava na geladeira. Adocei o café, levei um gole na boca enquanto mastigava apressadamente o pão, não tão saboroso, mas, o tempo não me permitiria que buscasse algo melhor.

Ao terminar meu quase ritual matinal, escovei os dentes. Passei pela sala e peguei uma pasta preta cheia de papéis, impressos no dia anterior. Cheio de contas e gráficos que se tornariam necessários para a reunião daquela manhã.

E ela acordou. Como toda manhã, com uma expressão de quase morte, uma aura tão pesada que somente passar perto dela já me fazia mal. Me perguntava ainda a cada momento os motivos de ainda não ter partido e deixado aquele peso para trás, abandonando aquela que, nos últimos anos, trazia mais mal do que bem para minha vida.

Sem nem ao menos um “bom dia”, ou um “bom trabalho”, saí, já chateado de, mais uma manhã, me deparar com a mesma cena deprimente e

revoltante. Refletia sempre se era sempre assim. E concluía sempre que sim, nada mudara, só piorara com os anos que passaram.

Já revoltado com minha sorte, peguei um carro que me esperava no portão da casa. Enquanto caminhava rapidamente, vestindo um terno preto, uniforme exigido pela empresa, olhava as plantas que cresciam na frente da casa e pensava em contratar alguém para arrancar cada uma delas. Refletia um ar de sujeira. Mas não havia tempo disponível para pensar naquilo que era tão fútil e tão desnecessário para o momento.

Ingressei no veículo que me esperava. Escutei o que talvez fosse um “bom dia, senhor”, do motorista. Balbuciei algumas palavras ininteligíveis e seguimos o trajeto indicado pelo GPS. Era sempre o mesmo trajeto. Mas, cada dia, era um diferente motorista que me esperava na frente de minha casa.

Olhava pela janela o sol, que já pela manhã insistia em exibir seu poder. Os raios cortavam meu rosto. Abri minha mala e peguei meus óculos escuro. Coloquei e continuei refletindo sobre o que tinha que fazer. Chequei mais uma vez o smartphone. Nenhuma mensagem. Nenhum e-mail. Nenhuma ligação.

“Muito estranho”.

Talvez falara em voz alta, já que o motorista tentou, inutilmente, iniciar uma conversa. Resmunguei e continuei absorto em meus pensamentos. Era um dia importante. Aqueles números, na reunião, poderiam salvar de vez a empresa do caos. Era um momento crítico e eu, como um dos responsáveis, precisava fazer alguma coisa. E ali estava a solução. Bastava convencer os acionistas. O presidente da empresa estava satisfeito com minha simulação. E aí, mais uma vez, seríamos uma grande empresa de tecnologia no mercado. Pelo menos era o que eu previa em meus números.

Ainda perdido em meus pensamentos, alcancei meu destino. Desci do carro sem nem me despedir do motorista. Arrumei meu terno amassado, mexi na gravata, respirei fundo e caminhei até a recepção do prédio.

Algo me incomodava. Normalmente o trajeto de pouco mais de um minuto, onde atravessava uma rua e caminhava até a entrada, era sempre agitado. Naquele dia tudo estava quieto. E um tumulto se instaurava na porta de entrada.

“Onde estão aqueles inúteis dos seguranças?”

Ao alcançar a porta, uma cena marcante me chamou atenção. Pessoas choravam, outros caminhavam de um lado para o outro. Alguns sacudiam a cabeça negativamente. Quando me aproximei, sem nada entender, todos me olhavam com estranheza. Sem nada entender, olhei para a minha secretária. Suas palavras soaram como um tiro em minha cabeça:

- O senhor não está sabendo? Nosso presidente se suicidou. Pulou do terceiro andar.

Em choque, sem ser capaz de responder àquelas palavras, senti o sangue sumir de meu rosto e tudo começou a rodar. Sentei numa cadeira da recepção. Alguém pegou um copo de água e me deu nas mãos. Bebi apressadamente. Só então consegui dizer:

- Como? Como pode ser?

Os acionistas estavam sentados, desolados. Alguém precisava falar alguma coisa. Levantei e notei policiais e bombeiros. O corpo já havia sido removido. Aquele que acredito ser o comandante, me chamou:

- O senhor é o responsável?

Sacudi a cabeça positivamente.

- Senhor, precisa mandar essas pessoas para casa. Precisamos fechar o prédio para investigação.

Eu concordei e dei a ordem:

- Dispense todos. Precisamos ir embora.

Eu e os acionistas sentamos com os policiais. Contamos toda a situação da empresa, desde a questão financeira, até o desespero do presidente que buscava de todas as formas encontrar uma solução para a crise.

Suicídio. Um homem forte, dedicado, que vivia em função da empresa.

Resolvemos fechar a empresa por pelo menos um mês. Férias coletivas para todos os funcionários e pedidos de desculpas para todos os

nossos clientes. Explicamos a situação e informamos que voltaríamos em breve para um melhor atendimento. Mas, eu duvidava. Meu projeto era a salvação e ele nem mesmo fora discutido.

Os dias subsequentes foram péssimos. Cada vez mais aborrecimentos em casa. Menos vontade de permanecer dentro do lar, sendo que não tinha o emprego para poder ocupar meu tempo. Eram momentos difíceis. Dias sombrios.

E, naquela manhã, resolvi correr. Diziam que corridas aliviavam o estresse, e talvez era o que eu precisava. Me equipei e iniciei uma longa e pesada corrida. Corri por horas. Queria esquecer aquilo tudo. Empresa. Dívidas. Contas. Minha vida. Tudo.

Quando não mais aguentava, deparei-me com uma praça longe do centro da cidade. Alguns bancos de madeira cercavam um jardim de flores. No meio, uma estátua embelezava o lugar. Era o espaço ideal para recuperar minhas forças. Escolhi um banco na sombra e sentei. Bebi meio litro de água enquanto ainda estava ofegante. Precisaria de um tempo para me recuperar.

E foi ali que eu vi uma das cenas que, sem saber, mudaria toda a minha vida. Um homem com aproximadamente cinquenta anos, com uma camisa de malha branca e uma calça jeans, estava abaixado mexendo em folhas de plantas, como quem procurava alguma coisa. Num lugar onde encontrar diversas espécies de plantas, algumas com flores coloridas e outras somente arbustos, encontrar seja o que ele procurasse seria difícil.

A minha curiosidade foi aguçada quando ele pareceu pegar, delicadamente, uma folha de uma planta e colocou em um pote plástico. Parecia feliz, como quem encontrara algo precioso. Achei que se retiraria, mas, prosseguiu em sua busca. Ele era cuidadoso com as plantas. Olhava cada folha. Algumas vezes, pegava alguma coisa e colocava em potes.

Passados alguns minutos e curioso com tal cena, eu me aproximei. Ele estava abaixado perto de uma planta. Usava luvas e tinha um olhar atento.

- Bom dia.

Ele levantou os olhos e me exibiu um sorriso. Parecia mais novo de perto do que de longe.



- Bom dia, senhor.

Observei por um instante, mas, não pude descobrir o que estava acontecendo ali. Resolvi perguntar diretamente:

- Desculpe a indiscrição, mas, o que tanto o senhor procura nessas plantas?

Ele levantou o rosto mais uma vez. Dessa vez, pegou um pote transparente de plástico e se levantou:

- Lagartas. Olhe só.

Dentro do pote estava uma folha e uma pequena lagarta verde andava sobre elas. Eu, por um momento, me assustei. O que levaria uma pessoa a pegar lagartas em plantas? Ele prosseguiu:

- Por hoje, já terminei minha coleta.

Eu nada entendi. E o questioneei novamente:

- Mas, por que o senhor está pegando lagartas?

As palavras singelas e profundas que aquele homem proferiu naquele momento iniciaram todo um novo processo em minha vida. Talvez fosse o destino. Era aquele o momento que eu precisava em minha vida. Mas não sabia naquele momento. Afinal, como poderia saber que alguém, realizando algo tão singelo, teria tanta sabedoria em ações e palavras que refletiam aquela simplicidade?

Daquele rosto marcado, com barba para fazer e olhos profundos, saíram as seguintes palavras:

- Porque todos querem ver borboletas. Mas, ninguém quer criar as lagartas.

Ele sorriu, pegou sua mochila e partiu. Eu fiquei ali, pasmo, sem nada entender do que ele dissera, mas, sabendo que havia algo de especial naquelas palavras.

E foi assim que eu conheci o criador de borboletas.